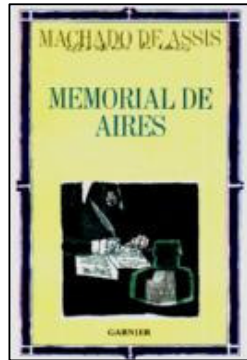


## **Memorial de Aires Machado de Assis**

### INTRODUÇÃO

Memorial de Aires é o legítimo testamento literário e existencial de Machado de Assis. O próprio autor afirmou diversas vezes que se tratava de seu último romance. Diversos traços autobiográficos já foram detectados pela crítica na obra. Machado de Assis deixa-se entrever tanto na figura do narrador Aires, quanto no casal Aguiar, que vive em doce harmonia e sofre pela falta de filhos. Através do Conselheiro Aires, um diplomata aposentado que em nenhum momento deixa de ser diplomático nas ações e nas idéias, Machado revela seu “tédio à controvérsia”, sua natureza conciliadora e seu espírito observador. Escrita após a morte de sua esposa, Carolina, a obra traz, no doce retrato de D. Carmo, um retrato nostálgico da companheira perdida. A coincidência dos nomes – Aguiar e Assis, Carmo e Carolina, o carinho extremado, a infertilidade, tudo leva a crer que o casal ficcional seja uma representação pouco disfarçada do casal Assis.



### **DO ROMANTISMO AO REALISMO**

A obra de Machado de Assis pode ser dividida em duas fases. A primeira compreende as obras da juventude, com forte influência do Romantismo, como os romances Ressurreição (1872), A Mão e A Luva (1874), Helena (1876) e Iaiá Garcia (1878). O seu estilo apresenta um progressivo amadurecimento, até chegar ao Realismo de suas obras posteriores. Entre estas, destacam-se os cinco romances do período: Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), Quincas Borba (1891), Dom Casmurro (1899), Esaú e Jacó (1904) e Memorial de Aires (1908).

Em Memorial de Aires, Machado de Assis atinge o ápice de sua preocupação com climas, ambientes, situações existenciais sutis e delicadas. “— E andam críticos a contender sobre

romantismos e naturalismos!” Exclama Aires. Alheio a toda essa contenda, o narrador do romance, como Machado de Assis, segue interessado em investigar a fundo o caráter e a psicologia complexa das personagens.

### ROMANCES INTERLIGADOS

Ao escrever Quincas Borba (1891), Machado de Assis reutilizou um personagem já falecido no seu romance anterior, Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), o filósofo enlouquecido Quincas Borba. Assim, os romances se interligam não exatamente através da personagem, mas através da Teoria do Humanitismo que o filósofo transmite a Rubião, o protagonista do romance.

Também Esaú e Jacó (1904) e Memorial de Aires (1908) se encontram interligados. Une-os a figura sábia e diplomática do conselheiro José da Costa Marcondes Aires, fino observador das sutilezas da psicologia humana.

### Na Introdução de Memorial de Aires lemos:

“Quem me leu Esaú e Jacó talvez reconheça estas palavras do prefácio: “Nos lazeres do ofício escrevia o Memorial, que, apesar das páginas mortas ou escuras, apenas daria (e talvez dê) para matar o tempo da barca de Petrópolis.”

Referia-me ao conselheiro Aires. Tratando-se agora de imprimir o Memorial, achou-se que a parte relativa a uns dois anos (1888-1889), se for decotada de algumas circunstâncias, anedotas, descrições e reflexões, — pode dar uma narração seguida, que talvez interesse, apesar da forma de diário que tem. Não houve pachorra de a redigir à maneira daquela outra, — nem pachorra, nem habilidade. Vai como estava, mas desbastada e estreita, conservando só o que liga o mesmo assunto. O resto aparecerá um dia, se aparecer algum dia. M. DE A.”

### **POUCA AÇÃO E MUITA OBSERVAÇÃO**

A forma adotada no romance é a de um diário. Assim, Machado de Assis pode continuar a escrever no estilo “livre”, repleto de digressões, que caracteriza sua fase Realista. Trata-se do diário de um aposentado, que pouco age, e que está interessado principalmente em observar como se comportam seus semelhantes.

“Sempre me sucedeu apreciar a maneira por que os caracteres se exprimem e se compõem, e muita vez não me desgosta o arranjo dos próprios fatos. Gosto de ver e antever, e também de concluir.”

O conselheiro Aires, portanto, passa boa parte do seu Memorial procurando decifrar como agirão as pessoas. Procura investigar as suas vidas no passado, perscrutar seus mínimos gestos e inclinações no presente, para tentar prever como agirão no futuro próximo. Trata-se de típico narrador "voyeur", que observa as ações de seus conhecidos com atenção, sem nelas interferir diretamente.

Aposentado, o conselheiro insiste no fato de ter tempo de sobra para ir escrevendo seu diário. Assim, o tempo psicológico prevalece na narrativa e, enquanto os fatos se desenrolam linear e rapidamente, Aires vai registrando suas impressões sem a menor pressa. Auto-irônico, critica seu próprio método narrativo:

"Nada há pior que a gente vadia, — ou aposentada, que é a mesma coisa; o tempo cresce e sobra, e se a pessoa pega a escrever, não há papel que baste."

#### TEMAS CENTRAIS

O diário se inicia no dia 9 de janeiro de 1888, quando completava-se um ano que o conselheiro sexagenário voltara para o Rio de Janeiro, depois de passar boa parte de sua vida em serviços diplomáticos pelo mundo. Acompanha sua irmã, Rita, ao cemitério, para visitar o túmulo da família e dar graças pelo regresso de Aires. Os irmãos conversam sobre a morte dos seres amados: o marido de Rita e a mulher do conselheiro, que está enterrada na Europa. Vêm, então, Fidélia, jovem viúva que Aires já vira em encontro social. Encantado com a beleza da moça, Aires a observa a rezar em frente ao túmulo do marido.

Alguns temas centrais do romance já irão se delinear desde a primeira cena: as relações entre vivos e mortos e a velhice que os vai aproximando. Torna-se patente, ainda nesse primeiro momento do romance, a curiosidade de Aires a respeito da vida alheia. Principalmente a de Fidélia.

#### OS VIVOS E OS MORTOS

As relações entre os vivos e os mortos é tema constante na obra de Machado de Assis. Encontra-se em posição central em Ressurreição e em Memórias Póstumas de Brás Cubas, assim como em Dom Casmurro, em que o fantasma do amigo morto, Escobar, ronda a felicidade de Bentinho e Capitu, ressurgindo nos traços do filho do casal, Ezequiel. Ou mesmo em Quincas Borba, nas relações entre Rubião e a memória do

filósofo já falecido que empresta seu nome à obra. No Memorial de Aires, o velho diplomata reflete sobre a morte dos conhecidos, antevendo seu próprio final:

"As cartas velhas são boas, mas estando eu velho também, e não tendo a quem deixar as que me restam, o melhor é rasgá-las. Fiquei só com oito ou dez para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim. Nenhuma delas vale uma só das de Plínio, mas a todas posso aplicar o que ele escrevia a Apolinário: "teremos ambos o mesmo gosto, tu em ler o que digo, e eu em dizê-lo". Os meus Apolinários estão mortos ou velhos; as Apolinárias também."

As relações de Fidélia (o nome é bem sugestivo) com o marido morto também fornecem material para as reflexões de Aires sobre as relações entre os que se foram e os que ficaram. "— Ah! minha amiga (ou meu amigo), se eu fosse a indagar onde param os mortos, andaria o infinito e acabaria na eternidade." Observam as pessoas ao constatarem que Fidélia vai casar-se novamente. O conselheiro, sempre comedido, chega à seguinte conclusão:

"Os mortos podem muito bem combater os vivos, sem os vencer inteiramente."

#### VELHICE: A SAUDADE DE SI MESMO

A temática da velhice é apresentada, ainda na cena do cemitério, não apenas de maneira literal, mas também metafórica, através das reflexões de Aires sobre o túmulo familiar:

"Não é feio o nosso jazigo; podia ser um pouco mais simples, — a inscrição e uma cruz, — mas o que está é bem feito. Achei-o novo demais, isso sim. Rita fá-lo lavar todos os meses, e isto impede que envelheça. Ora, eu creio que um velho túmulo dá melhor impressão do ofício, se tem as negruras do tempo, que tudo consome. O contrário parece sempre da véspera."

Se o conselheiro, no trecho acima, aponta para a necessidade de se assumir a velhice, não o faz, no transcorrer do romance, sem uma certa dose de melancolia. "se os mortos vão depressa, os velhos ainda vão mais depressa que os mortos... Viva a mocidade!" diz ao amigo desembargador. E o parágrafo final do romance é um dos mais pungentes lamentos já escritos sobre a mocidade perdida:

"Ao fundo, à entrada do saguão, dei com os dois velhos sentados, olhando um para o outro. (...) Ao transpor a porta para a rua, vi-lhes no

rosto e na atitude uma expressão a que não acho nome certo ou claro; digo o que me pareceu. Queriam ser risonhos e mal se podiam consolar. Consolava-os a saudade de si mesmos.”

#### A TRAMA CENTRAL

Interessado em Fidélia, Aires vai às bodas de prata do casal Aguiar, que a considera como filha. A partir de então, procura se informar tanto sobre a moça, com a qual chega a sonhar estar casando, quanto sobre o casal, que lhe encanta pela duradoura afeição mútua. Descobre que Fidélia casara-se com o Noronha contra a vontade dos pais de ambos, inimigos políticos. Em viagem à Europa, morre-lhe o marido. Regressando, não é recebida pelo pai, Barão de Santa Pia, ou pela mãe e mostra-se fria e desinteressada por qualquer pretendente a substituto do esposo morto. Acolhem-na o tio, o desembargador Campos, antigo colega de faculdade de Aires, e o os Aguiar, que a recebem como a filha que não tiveram. Fidélia aparece para o casal Aguiar como substituta do afilhado amado, Tristão, para o qual também devotaram o seu amor filial, na ausência de um filho próprio. Tristão partira para a Europa e por lá ficara, na companhia dos pais verdadeiros e, aos poucos, foi deixando de se comunicar com os padrinhos.

A esposa de Aguiar, Dona Carmo, merece de Machado de Assis, sempre através do comedido Aires, algumas das palavras mais doces e emocionadas de toda a sua obra. Justifica-se: a personagem é um retrato mal disfarçado e confesso (Machado o confessou a seu amigo Mário de Alencar) de sua recém-falecida esposa, Carolina.

Como Machado de Assis, Aguiar “via as coisas pelos seus próprios olhos, mas se estes eram ruins ou doentes, quem lhe dava remédio ao mal físico ou moral era ela.” Assim era Dona Carmo. Assim era Carolina.

A morte do Barão de Santa Pia, que começava a dar sinais de que perdoaria a filha, coincide com o retorno de Tristão ao Rio de Janeiro. Fidélia, filha única, vai visitar o pai agonizante e, após a sua morte, fica um tempo na fazenda Santa Pia para cuidar dos negócios pendentes. O retorno de Tristão enche de alegria os padrinhos. A alegria chega a seu ápice com o retorno de Fidélia que, aos poucos, vai se apaixonando pelo falso irmão. Casam-se. Mas Tristão se vê

impelido a voltar para Portugal, pois havia sido eleito deputado e queria seguir a carreira política. O casal Aguiar, que sonhara com o casamento, para ter seus “filhos” sempre por perto, vê-se frustrado nos seus sonhos e resigna-se a uma velhice solitária e melancólica.

#### A NARRAÇÃO ATENUADA

Toda essa história, de certo sabor romanesco, é contada por um narrador que diz: “eu não amo a ênfase” ou ainda que “tudo se atenua assim neste mundo, e ainda bem.”

O grande esforço do ex-diplomata consiste exatamente em atenuar a narração, minimizando os lances dramáticos, através do estilo sóbrio, elegante e sempre gentil.

Aires evita criticar as personagens e reserva-lhes sempre um olhar complacente: “eu não odeio nada nem ninguém, — perdono a tutti, como na ópera.”

O conselheiro percebe a dramaticidade de alguns momentos da narrativa e justifica-se: “Se isto fosse novela algum crítico tacharia de inverossímil o acordo de fatos, mas já lá dizia o poeta que a verdade pode ser às vezes inverossímil.”

O leitor é constantemente lembrado de que se trata de um diário de diplomata, que sempre pesa, e muito, todas as suas ações; sempre pensa muito antes de falar ou agir; calcula todas as palavras e os gestos. Desde criança, trata-se de um conciliador:

“Na escola não briguei com ninguém, ouvia o mestre, ouvia os companheiros, e se alguma vez estes eram extremados e discutiam, eu fazia da minha alma um compasso, que abria as pontas aos dois extremos. Eles acabavam esmurrando-se e amando-me.”

“Não morro de saudades por nada”, afirma Aires, que procura sempre mostrar-se neutro e impassível. No entanto, chega a desejar casar-se com Fidélia, para a qual transfere sua impassibilidade, ao imaginá-la a materialização do verso do poeta romântico inglês Shelley: “I can give not what men call love.” ou “Eu não posso dar o que os homens chamam amor.”

#### O CONTRAPONTO

Nesse contexto, a personagem de Dona Cesária aparece como um contraponto essencial para a figura conciliadora do narrador. Adorando

falar mal da vida alheia, odeia tanto Fidélia quanto Tristão. Sobre o caráter do moço lança algumas dúvidas que o narrador, embora discordando, não impede que transpareça sutilmente na narração.

"A mulher, D. Cesária, estava alegre e tinha a pihéria do costume. Não disse mal de ninguém por falta de tempo, não de matéria, creio; tudo é matéria a línguas agudas. A maneira por que aprovava alguma coisa era quase sarcástica, e difícil de entender a quem não tivesse a prática e o gosto destas criaturas, como eu, velho maldizente que sou também. Ou serei o contrário, quem sabe? No primeiro dia de chuva impicante hei de fazer a análise de mim mesmo."

#### UM PARENTÊSES: A ABOLIÇÃO

A narrativa do Memorial abrange os anos de 1888 e 1889. Machado de Assis, mestiço e discretamente abolicionista, registra com simpatia, sempre através das palavras atenuadas de Aires, o momento em que a Abolição da Escravatura é concretizada. No dia 19 de abril de 1888, Aires faz a seguinte anotação em seu diário:

"Venha, que é tempo. Ainda me lembra do que lia lá fora, a nosso respeito, por ocasião da famosa proclamação de Lincoln: "Eu, Abraão Lincoln, Presidente dos Estados Unidos da América..." Mais de um jornal fez alusão nominal ao Brasil, dizendo que restava agora que um povo cristão e último imitasse aquele e acabasse também com os seus escravos. Espero que hoje nos louvem. Ainda que tardiamente, é a liberdade, como queriam a sua os conjurados de Tiradentes."

Contrariando aqueles que acusam Machado de Assis de nunca ter se envolvido com a questão escravista, as palavras de Aires em relação à Abolição fogem ao seu estilo sempre tão comedido e diplomático. Revelam, portanto, o autor atrás do narrador. Através de Aires, Machado de Assis deixa seu testemunho sobre a escravidão. As declarações convictas do conselheiro não deixam dúvidas quanto a seu envolvimento emocional com a questão.

"Enfim, lei. Nunca fui, nem o cargo me consentia ser propagandista da abolição, mas confesso que senti grande prazer quando soube da votação final do senado e da sanção da

regente. (...) Ainda bem que acabamos com isto. Era tempo. Embora queimemos todas as leis, decretos e avisos, não poderemos acabar com os atos particulares, escrituras e inventários, nem apagar a instituição da história, ou até da poesia."

Mas logo o conselheiro atenua a emoção e retorna à sua vida de "voyeur". Impassível prescrutador da vida alheia: "Não há alegria pública que valha uma boa alegria particular."



#### MACHADO DE ASSIS (1839-1908).

**VIDA:** Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, RJ em 21 de junho de 1839 e passou a infância e a adolescência no morro do Livramento. Cedo

perdeu a mãe e ficou sob os cuidados da madrastra, Maria Inês. Fez os estudos primários numa escola pública do bairro de São Cristóvão e foi aluno do padre Silveira Sarmiento, que o contratou como sacristão. Interessou-se então pelo estudo de línguas e aprendeu francês, inglês e alemão.

Entrou como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, de onde passou, como revisor de provas, para a tipografia de Paula Brito. Lá conheceu escritores e jornalistas. A partir desse ano, colaborou no Correio Mercantil, Diário do Rio de Janeiro, Semana Ilustrada e Jornal das Famílias, periódicos onde publicou boa parte de sua obra inicial. Em 1867 foi nomeado ajudante do diretor do Diário Oficial e dois anos mais tarde casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novais, irmã do poeta português Faustino Xavier de Novais. O casamento teve importância decisiva na vida de Machado de Assis, pois os 35 anos de vida conjugal harmoniosa dariam ao escritor a serenidade necessária à criação de sua obra. Foi intensa a atividade do escritor na década de 1870. No Jornal das Famílias, entre 1874 e 1876, iniciou a publicação das Histórias românticas, e, depois, Relíquias de casa velha. Ainda em 1874, começou no jornal O Globo a publicação, em folhetins, de A mão e a luva.

Em 1880 foi nomeado oficial de gabinete do ministro da Agricultura; oito anos mais tarde foi elevado à categoria de oficial da Ordem da Rosa; e em 1892 ascendeu a diretor-geral da Viação. Paralelamente, consolidou-se seu prestígio como

